
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

**ANTROPOLOGIA DO DEVANEIO: COMPREENDENDO O SÍMBOLO
FILOSÓFICO DA LIBERDADE COMO VONTADE DE REPRESENTAÇÃO –
LUGARES IMAGINÁRIOS, SUBJETIVIDADES RELIGADAS
E O *PORVIR* NA EDUCAÇÃO**

André Luiz Portanova Laborde¹
Maicon Dourado Bravo²
Aline Simões Menezes³

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir acerca de princípios filosóficos possibilidades de compreensão sobre lugares imaginários, subjetividades religadas que de certa maneira constroem uma educação do porvir. Essa educação do porvir está aliada a uma reflexão pedagógico-filosófica que tenta abarcar o imaginário social e a memória, pensando rever/resignificar/propor caminhos para uma compreensão mais aprofundada de alguns conceitos. Dessa maneira, Liberdade, Representação, Educação, Antropologia, serão nortes para fomentarmos esse debate.

Palavras-chave: Antropologia, Imaginação Social, Representação.

ABSTRACT

The present work intends to argue concerning philosophical principles understanding possibilities on imaginary places, joined subjectivity that in certain way construct an education of the future. This education of the future is allied to a pedagogical-philosophical reflection that tries to accumulate of stocks imaginary social and the memory, thinking to review/to symbolize/to more consider ways for a deepened understanding of some concepts. In this way, Freedom, Representation, Education, Anthropology, will be direction to foment this dialogue.

Keywords: Anthropology, Social imagination, Representation.

¹ Professor substituto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação ICHI/FURG; Licenciado e Bacharel em História; Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande; andre.laborde@gmail.com

² Licenciado e Bacharel em História; Especialista em História do Rio Grande do Sul; pela Universidade Federal do Rio Grande; maiconbravo@yahoo.com.br

³ Licenciada e Bacharel em História; Especialista em História do Rio Grande do Sul; pela Universidade Federal do Rio Grande; alinesmrs@gmail.com.

*“Ver num grão de areia um mundo
Numa flor um céu profundo
Ter na mão a Infinitude
Num minuto a Eternidade...”
William Blake (1757 – 1827)*

Considerações Iniciais

Vivemos em um constante projeto etnográfico que nos faz querer identificar naquilo que é visível, uma construção real e concreta daquilo que somos almejando romper com o amálgama de sentimentos inusitados e não decifrados (sonhos, devaneios...) que nos cercam no espaço cotidiano. Porém, mergulhamos na filosofia em uma tentativa de transpor essa eterna e incessante busca do “abstrato” para tentar compreender os códigos simbólicos que circundam a tão “sonhada Liberdade”.

É necessário ressaltar que pra essa incursão ao universo do devaneio vou buscar a companhia de Bachelard (com o Ser Onírico), Platão (e a reminiscência), Nietzsche (ascese) e Schopenhauer (e a imanência). Com o amparo desses quatro elementos vou pautar minha busca pela liberdade como vontade de representação de um sonhar a filosofia rumo a uma caminhada à “Antropologia do Devaneio”.

Vamos perceber cada um desses elementos em sua essência para depois propor seu cruzamento tencionando através de uma etnografia onírica alçar a liberdade. Os elementos e seus respectivos tutores são na construção dessa reflexão como guias místicos que vão através da sua imagem (o autor) e suas mágicas (pensamentos) nos indicar o caminho de “*Atlântida, Shangri-la, Themiscyra, Eldorado e óbvio a Terra do Nunca*”.

Essas metáforas são apenas ilustrações de ambientes habitados pelo devaneio presentes no imaginário social e inconsciente coletivos de ordem do humano. Nossa intenção é ilustrar um percurso, muito próximo àqueles que os beduínos fazem no deserto para alçar a liberdade como vontade de representação, justamente por isso o apoio da antropologia para a construção dessa rota.

Nesse movimento cósmico, vislumbramos alcançar, ao menos, uma idéia de liberdade que não esteja presa pelo mundo racional e cartesiano, para assim podermos transgredir e agregar a atmosfera onírica no campo da “Ciência”. Cabe lembrar que essa jornada trará desafios, encantos e surpresas para aqueles que tiverem coragem de transpor o universo do real e permitir entrar um feixe de luz das dimensões oníricas para a composição das pesquisas e do pensamento científico.

As Reminiscências e o caminho de Platão: o sonho de Atlântida⁴

Nossa primeira orientação vem de Platão, em uma tentativa de alçar as raízes da investigação acerca da Liberdade. Para isso é necessário entender o conceito de realidade e reminiscência. A grosso modo, Platão se debruçou acerca da noção de que o ser humano (homem, a priori) está em contato constante com dois tipos de realidade⁵: a inteligível e a sensível. A primeira se destina a realidade, mais concreta, permanente, imutável, igual a si mesma. A segunda está ligada a todas as coisas que nos afetam os sentidos, são realidades dependentes, mutáveis e são imagens das realidades inteligíveis.

Assim, pensar em torno da realidade é refletir sobre o que esta representa, ou seja, realidade está que ainda se encontra sob um prisma vinculado ao que temos por “real”. Mas vamos buscar em Platão também elementos que nos conduzam ao mundo cósmico.

Nessa medida para Platão, o mundo concreto percebido pelos sentidos é uma pálida reprodução do mundo das Idéias. Cada objeto concreto que existe participa, junto com todos os outros objetos de sua categoria, de uma Idéia perfeita. Por exemplo uma determinada espada, , terá determinados atributos (cor, formato, tamanho, ...). Por sua vez outra espada terá outros atributos, sendo ela também uma espada, tanto quanto a outra. Aquilo que faz com que as duas sejam espadas é, para Platão, a Idéia de espada, perfeita, que esgota todas as possibilidades de ser espada.

O problema que Platão propõe-se a resolver é a tensão entre Heráclito e Parmênides: para o primeiro, o ser é a mudança, tudo está em constante movimento e é uma ilusão a estaticidade, ou a permanência de qualquer coisa; para o segundo, o movimento é que é uma ilusão, pois algo que é não pode deixar de ser e algo que não é não pode ser, assim, não há mudança. (MARQUES,1993:54)

Dessa maneira, Platão desenvolveu uma teoria gnosiológica (1996: 45), ou seja, uma teoria que explica como se pode conhecer as coisas, ou ainda, uma teoria do conhecimento. Contudo, ao vermos um objeto repetidas vezes, um indivíduo se recorda, aos poucos, da Idéia

⁴ Originalmente mencionada pelo filósofo grego Platão (428-347 a.C.) em dois dos seus diálogos (Timeu e Crítias), conta-nos que Sólon, no curso das suas viagens pelo Egito, questiona um sacerdote que vivia em Sais, no delta do Nilo e que este lhe fala de umas tradições ancestrais relacionadas com uma guerra perdida nos anais dos tempos entre os atenienses e o povo de Atlântida. Segundo o sacerdote, o povo de Atlantis viveria numa ilha localizada para além dos pilares de Heracles, onde o Mediterrâneo terminava e o Oceano começava. MAAR, Z. L. 2006. *Territórios do Imaginário: Cidades flutuantes em nossa órbita*. São Paulo: Cia. das Letras.

⁵ Tal concepção de Platão também é conhecida por Teoria das Idéias ou Teoria das Formas. Foi desenvolvida como hipótese no diálogo Fédon e constitui uma maneira de garantir a possibilidade do conhecimento e fornecer uma inteligibilidade relativa aos fenômenos.

daquele objeto, que viu no mundo das Idéias. Para explicar como acontece esse processo, Platão recorre a um mito ou uma metáfora que diz que, “*antes de nascer, a alma de cada pessoa vivia em uma Estrela, onde localizam-se as Idéias*”. Quando alguém nasce, a alma é arremessada para a terra, e o impacto e/ou atrito que ocorre faz com que este se esqueça do que viu na ‘*Estrela*’. Mas ao ver um objeto aparecer de distintas maneiras, a alma lembra-se da Idéia daquele objeto que foi vivida na ‘*Estrela*’. Tal recordação, em Platão, reconhece-se por *Anamnesis*.

Nesse movimento, encontramos a reminiscência, ou seja, apresenta uma das condições para o questionamento ou investigação acerca das Idéias é que não estamos em momento de completa ausência de conhecimento sobre elas. Aliás, ocorre o contrário, não teríamos nem anseio nem capacidade de procurá-las. Nessa medida, é uma categoria necessária (para tal investigação) que tenhamos em nossa alma alguma espécie de conhecimento ou lembrança de nosso contato com as Idéias (contato esse anterior ao nascimento) e nos rememoramos das Idéias por vê-las reportadas palidamente nas coisas.

Portanto, a noção platônica é uma reminiscência. A procura das Idéias supõe que as almas preexistiram em uma província sublime onde contemplavam as Idéias. Tomemos por exemplo, “*o Mito da Parelha Alada, localizado no diálogo Fedro, de Platão. Neste diálogo, Platão compara a raça humana a carros alados. Tudo o que fazemos de bom, dá forças às nossas asas. Tudo o que fazemos de errado, tira força das nossas asas*” (MARQUES, 1993:25). Ao passar dos anos cometemos uma infinidade de coisas erradas que nossas ‘asas’ perderam o entusiasmo e, sem elas para nos ampararmos, desabamos no *Mundo Sensível*, onde vivemos até agora. A partir deste momento, fomos condenados a vermos somente as sombras do *Mundo das Idéias*.

Platão não buscava as verdadeiras essências da forma física como buscavam Demócrito e seus seguidores, sob influência de Sócrates buscava a verdade essencial das coisas. Platão não poderia buscar a essência do conhecimento nas coisas, pois estas são corruptíveis, ou seja, variam, mudam, surgem e se vão. Como o filósofo deveria buscar a verdade plena, deveria buscá-la em algo estável, as verdadeiras causas, pois logicamente a verdade não pode variar, se há uma verdade essencial para os homens esta verdade deve valer para todas as pessoas. Logo, a verdade deve ser buscada em algo superior. (TARNAS, 2003:69).

Além disso, as coisas devem ter um outro alicerce, que seja além do físico, a forma de alçar essas realidades vem do conhecimento, não das coisas, mas do além das coisas. Esta investigação racional é contemplativa, isto denota buscar a verdade no interior do próprio

sujeito. Entretanto o indivíduo não é simplesmente sujeito particular, todavia como um participante das verdades essenciais do ser. Seriam esses os prenúncios do ideal metafísico? Esses questionamentos ficam para adiante. Nossa preocupação é vincular essa reflexão ao universo dos sonhos, ou, como anuncia Platão, para o além do físico.

Platão tenciona desvendar as verdades essenciais das coisas. O conhecimento era assim o conhecimento do próprio sujeito, porém sempre ressaltando o ser não enquanto *corpo*, mas enquanto *alma*. O conhecimento que continha na alma era a essência daquilo que existia no mundo sensível, assim em Platão também a técnica e o mundo sensível eram secundários. A alma humana enquanto perfeita participa do mundo perfeito das idéias, porém este formalismo só é perceptível na experiência sensível.

Percebemos em Platão, uma clara separação entre as esferas do Sensível e do Mundo das Idéias, uma vez que marca a instauração de binarismos no nosso modo de viver/compreender/relacionarmos com o mundo. Mas, temos as marcas de um hibridismo entre essas duas esferas. Mesmo sendo apresentado um mundo bifurcado, reconhecemos em Platão a categoria que corresponde à atmosfera da alma, o campo do Sensível, ou seja, dos sonhos e, portanto o primeiro refúgio da liberdade.

O sonho de Atlântida é revelado por Platão, no tocante das aflições sobre a realidade, seu segredo é desvelado, existe o mundo do Sensível, que às vezes é um reflexo do Mundo das Idéias, Platão abre esse portal cabe a nós atravessa-lo.

Quando os deuses helênicos partilhavam a terra, a cidade de Atenas pertencia à deusa Atena e Hefesto, mas Atlântida tornou-se parte do reino de Posídon, deus dos mares. Em Atlântida, nas montanhas ao centro da ilha, vivia uma jovem órfã de seu nome Clito. Conta a lenda, que Posídon ter-se-ia apaixonado por ela e, de maneira a poder coabitar com o objecto da sua paixão, terá divisado uma barreira constituída por uma série de muralhas de água e fossos aquíferos em volta da morada da sua amada. Desta maneira viveram por muitos anos e da sua relação nasceram cinco pares de gêmeos, ao qual o mais velho o deus dos mares baptizou de Atlas. Após dividir a ilha em dez áreas anelares, autorizou supremacia a Atlas, dedicando-lhe a montanha de onde Atlas espalhava o seu poder sobre o resto da ilha. (HAUSER, 1998: 74).

Platão nos diz que lá nesse universo “Sensível”, Atlantida floresceu mesmo que exista diversas teorias sobre sua existência no plano do real. Há diversas correntes de teóricos sobre onde se situaria Atlântida, e quem seria o seu povo. A lenda que postula Atlântida como

continente⁶ perdido, ocupado por diferentes etnias humanas, ainda encontra bastante aceitação popular, sobretudo no plano onírico. Encontramos lá a reminiscência e a realidade como agentes de constituição do pensamento humano rumo a liberdade ainda não encontramos o devaneio, vamos seguir viagem.

Schopenhauer e a dança cósmica da Imanência: a entrada no oriente é por Shangri-la⁷

O pensamento de Schopenhauer parte de uma explicação de alguns pressupostos da filosofia kantiana, em particular de sua visão de Fenômeno. Esta noção leva Schopenhauer a postular que o mundo não é mais que *Representação*. Esta se apóia em duas dimensões inseparáveis: por um lado, o objeto, constituído a partir de espaço e tempo; por outro, a consciência subjetiva acerca do mundo, sem a qual este não existiria.

Não obstante, Schopenhauer rompe com Kant, uma vez que este afirma a impossibilidade da consciência alcançar a *Coisa-em-si*, isto é, a realidade não fenomênica. Segundo Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o homem se experiencia como um ser movido por desejos e entusiasmos. Estas constituem a unidade da *Vontade*, abarcada como o princípio norteador da vida humana. Direcionando seu enfoque para a natureza, “*o filósofo percebe esta mesma Vontade presente em todos os seres, figurando como fundamento de todo e qualquer movimento*” (2005, 40). Para Schopenhauer, a *Vontade* corresponde à *Coisa-em-si*: ela é o substrato último de toda realidade.

⁶ Não confundir com os antigos continentes que, de acordo com a teoria da tectónica de placas existiram durante a história da Terra, como a Pangéia e o Sahul). Alguns teóricos sugerem que Atlântida seria uma ilha sobre a Dorsal Atlântica, que - no caso de não ser hoje parte dos Açores, Madeira, Canárias ou Cabo Verde - teria sido destruída por movimentos bruscos da crosta terrestre naquele local. Essa teoria baseia-se em supostas coincidências, como a construção de templos em forma de pirâmide na América, semelhantes às pirâmides do Egito, fato que poderia ser explicado com a existência de um povo no meio do oceano que separa estas civilizações, suficientemente avançado tecnologicamente para navegar à África e à América para dividir seus conhecimentos. Esta posição geográfica explicaria a ausência concreta de vestígios arqueológicos sobre este povo. MAAR. Op. cit. p 31.

⁷ Durante o período paleolítico, já existia a vida humana em Shangrila, posteriormente, uma sociedade tribal habitou por lá durante a dinastia Zhou do Oeste (1100-771 a.c). No século VII, o regime de Tubo conquistou Deqen e construiu Dukezong, que também é conhecida como porta de Shangrila. Segundo os livros budistas tibetanos, nas montanhas nevadas, há uma cidade desaparecida chamada Shambhala que tinha a forma de uma flor de lótus de oito pétalas. Dukezong de 1,6 quilômetros quadrados também aparece no desenho. James Hilton, na sua novela "Horizontes Perdidos", fala de *Shangri-La*, um lugar situado nas montanhas do Himalaia, onde há panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de paz e felicidade. Sua novela inspirou a sociedade do seu tempo e deu origem ao mito. Sonhadores, aventureiros e também exploradores tentaram em vão encontrar aquele paraíso perdido. A moda orientalista do ocidente inspirou-se nesse mito, e o nome do *Shangri-La* foi dado não somente para grupos musicais e teosóficos, mas também a muitos lugares de divertimento na Ásia e América. O lugar real, possivelmente mais parecido ao que inspirou o descrito por James Hilton, é o território do Tibete chamado Diqing. Muitos países, por interesse comercial e turístico, alegam ter em sua geografia o mítico lugar inspirador do *Shangri-La*. Id. Ibid. p 63.

À vontade, apesar disso, não se revela como um princípio racional, inversamente, ela, à vontade, é o impulso cego que leva todo ser, desde o inorgânico até o humano, a almejar sua preservação. A consciência humana seria uma mera superfície (SCHOPENHAUER, 2005:32), tendendo a ocultar, ao conferir causalidade a seus atos e ao próprio mundo, a irracionalidade intrínseca à vontade. Sendo assim compreendida, ela compõe, do mesmo modo, a razão de todo sofrimento, uma vez que lança os indivíduos em uma cadeia perpétua de aspirações sem fim, o que provoca a dor de permanecer algo que jamais impetra completar-se. Segundo tal concepção, o prazer consiste apenas na supressão momentânea da dor; esta é a única e verdadeira realidade.

Contudo, há alguns caminhos que possibilitam ao homem escapar da vontade, e assim, da dor que ela acarreta. A primeira via é a da arte. Schopenhauer traça uma hierarquia presente nas manifestações artísticas, na qual cada modalidade artística, ao nos lançar em uma pura contemplação de Idéias, nos apresenta um grau de objetivação da vontade. Partindo da arquitetura como seu grau inferior, ao mostrar a resistência e as forças intrínsecas presentes na matéria, o último patamar desta contemplação reside na experiência musical; a música, por ser independente de toda imagem externa, é capaz de nos apresentar a pura Vontade em seus movimentos próprios; a música é, pois, a própria vontade encarnada. Tal contemplação, trazendo a vontade para diante de nós, consegue nos livrar, momentaneamente, de seus liames. (MAGEE, 2002: 36).

Com a chegada no Oriente, reconhecemos um dos matizes da Liberdade: A Imanência. Mas antes vamos refletir acerca de outras instâncias nesse processo. Uma delas é a arte, que por sua vez representa apenas um paliativo para o sofrimento humano. Outra probabilidade de escape é marcada através da moral: O comportamento humano deve voltar-se para a superação do egoísmo. Este provém da ilusão de individuação, pela qual um indivíduo ambiciona, constantemente, suplantar os outros. A abrangência da Vontade faz surgir todos os entes desde seu caráter único, o que induz, fundamentalmente, a um sentimento de fraternidade e a uma ação ligada ao altruísmo e comiseração.

No entanto, a suprema felicidade unicamente pode ser impetrada pela revogação da vontade. Tal anulação é descoberta por Schopenhauer no misticismo hindu, particularmente o Budismo; a experiência do *Nirvana* institui a aniquilação desta vontade última, a aspiração de existir/viver. Somente neste nível, o ser alcança a única felicidade real e estável.

Para Schopenhauer, o homem é capaz de acessar sua realidade por um duplo registro: o primeiro, o do fenômeno, onde todo o existente reduz-se, nesse

nível, a mera representação. No nível essencial, que não deixa-se apreender pela intuição intelectual, pela experiência dos sentidos, o mundo é apreendido imediatamente como vontade, Vontade de Vida. Nesse caso, a noção de vontade assume um aspecto amplo e aberto, transformando-se no princípio motor dos eventos que sucedem-se na dimensão fenomênica segundo a lei da causalidade. (MAGEE, 2002: 45).

Nesse sentido, nessa caminhada à Shangri-la, encontramos uma dançarina chamada *Imanência* que nos promete a liberdade, livre dos ditames ocidentais, e nos ensina a ouvir seus sons e compartilhar dos movimentos sinuosos para encontrá-la. O termo "*Imanência*" é normalmente percebido como uma força sublime, ou um ser divino, permeia todas as coisas que existem, e é capaz de influenciá-las.

Tal sentido é comum no panteísmo (pampsiquismo), implicando que a divindade está inseparavelmente presente em todas as coisas. Neste significado de *Imanência* é diferente da *Transcendência*, mais tarde entendida como "a divindade sendo separada ou transcendente ao Mundo - uma exceção é Giovanni Gentile "*Indianismo Atual*" onde imanência do assunto é considerada identificar com a transcendência sobre o mundo matéria -" (JAPIASSÚ, 1976: 63). Quando combinamos com *Idealismo*, a teoria da imanência qualifica-se como "o mundo" não tem nenhuma causa externa além da mente.

Shangri-la⁸ oferece um santuário a todos que buscam refugiar-se das metrópoles. As autênticas vivendas tibetanas⁹, as passagens estreitas e compridas, os pagodes dourados e as lanternas de múltiplas formas que iluminam os caminhos ziguezagueantes se impregnam com a graciosa e misteriosa antiguidade, fascinando os visitantes. A porta de entrada para mundo Oriental no continente dos sonhos.

A Liberdade pode estar próxima da Imanência, pois o indivíduo pode perceber a idéia de Deus dentro de si, nessa medida estamos livres de um deus castrador que nos transforma em cativos, e participamos de um processo de relação direta com ele, porque somos o "próprio ele". Mas será que estamos realmente livres? Conseguimos em nossa segunda incursão encontrar a liberdade?

⁸ Ou atual Dukezong, terra do amor, paz e sol, atraíram muitos imigrantes e viajantes. Os artistas encontram uma fonte de inspiração e os que estão cansados da vida urbana vêm aqui. Dukezong é um paraíso para os viajantes, pois combina a cultura local perfeitamente preservada com a modernidade. Id. Ibid. p 67.

⁹ Os costumes da vida tibetana, assim como as vivendas, são bem preservados na região. O aroma da aguardente elaborado a partir da cevada. O xadrez tibetano é uma tradição com mais de mil anos entre os seus habitantes e os sinos dos cavalos ainda tilintam ao longo da antiga rota do chá. Os fogos acesos na praça iluminam os músicos locais quando cantam e tocam instrumentos tradicionais de cordas. Id. Ibid. p 68.

Mesmo já tendo encontrado anteparos metafísicos com a Imanência isso não nos garante alcançar a liberdade e nem vivenciar o devaneio, devemos continuar seguindo em frente.

O onírico em Bachelard: uma visita às amazonas de Themiscyra¹⁰

Chegamos ao paraíso do devaneio, lugar onde os sonhos brotam, muito próximo da liberdade. Nesse território encontramos o filósofo que instaura, ou melhor ratifica o mundo do Sensível pensado por Platão, num continente possível. Além de explorar todo o mistiscismo dos quatro elementos (Ar, fogo, terra e água), Bachelard consegue envolver e trazer a luz o sonho como possibilidade científica (BACHELARD, 1972: 87).

O local é Themiscyra, pois agrega o conceito/estado de Ânima, que está ligado ao feminino, a sensibilidade, ao belo, ao oculto, a magia e, acima de tudo ao mundo dos símbolos livres. O onírico corresponde ao retorno daquilo que temos masi próximo ao ideal de liberdade: a infância. Os sonhos, as travessuras, os encantos... fazem parte do mundo da criança que vivência a sua existência no estado de ânima.

Além disso, o ser onírico é um produtor de saúde, de vida, explorando o ânimus e a ânima, o yin e o yang... *"Demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma"*. (JAPIASSÚ, 1976: 47).

Bachelard em sua nuance noturna, explora o onirismo no âmbito da imaginação poética, dos devaneios, dos sonhos, alçando as potencialidades do indivíduo à busca contínua da liberdade. Esta habita a dimensão dos sonhos, vislumbrando as possibilidades auferidas pelo universo do sensível e exarcerbando com toda a realidade cristalizada instaurada pelo mundo racional. Promove assim, uma individuação diferente entre os sujeitos, propondo a emergência do sonhar: eis o devaneio.

Assim como todos os sonhos e todos os devaneios ligados a um elemento material, a uma força natural, os devaneios e os sonhos embalados proliferam. Depois deles virão outros sonhos que continuarão essa impressão

¹⁰ Themyscira é um arquipélago situado em uma dimensão diferente da nossa, pertencente ao mundo das histórias em quadrinho da DC Comics, adaptado da mitologia grega. Somente os deuses gregos e a Mulher Maravilha (se estiver usando as sandálias de Hermes) podem transitar entre as duas dimensões. É nesse arquipélago que fica a *Ilha Paraíso*, sede do arquipélago e onde ficam a maioria das amazonas e sua rainha Hipólita. É lá também que fica uma das entradas para Hades (inferno grego) habitado por inúmeros seres mitológicos. As amazonas foram "condenadas" após sua expulsão da grécia antiga a cuidarem para que esses seres não escapem jamais. Id. Ibid. p 104.

de prodigiosa doçura. Darão a felicidade e o gosto do infinito. (BACHELARD, 1998:137).

Em consonância a Bachelard, é necessário romper com o tempo, pois sonhar é reinventar o tempo, devemos deixar emergir a infância arquetípica e sermos definitivamente criadores do tempo (Aqui-Agora). O território das imagens gera a criação de possibilidades no ser viver de se pontencializar (imaginar), como um a metáfora da imagem arquetípica.

Ser/Sujeito/Cósmico essa é a função do sonhador, no embate entre caos e cosmos em direção ao sonho pessoal para o sonho coletivo. Essas são as marcas para se habitar esse universo, aliás, o ritual de passagem para adentrar o devaneio de Themiscyra, vivendo um futuro e reinventado o passado. A entrega para o devaneio e o reencantamento do mundo, vivendo uma espécie de niilismo (arquetipos) rumo ao estado da liberdade. *“A casa¹¹ nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Num e noutro caso, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade.”* (BACHELARD, 1998: 21)

Em Themiscyra, o território da imaginação (GOMBRICH, 1986:71), das amazonas de Ânima, saber é condição de imaginar, por isso sonhamos. A experiência simbólica é de criação em perspectiva, um universo do invisível, a ciência é vista como mito, a água como sonhos...

O onírico em Bachelard é sonhar sobre as palavras, é a transformação do caos em cosmos do sonho em mandála, e viver a divindade proposta por Schopenhauer. A atividade onírica demonstra o princípio da espontaneidade, que parte do sujeito rumo a liberdade e estabelece com ele um vínculo afetivo, pois ser e divindade, em certo sentido, são singulares, uma vez que este sujeito o aceita enquanto axioma. Nessa medida, os partícipes dessa relação ser/divindade, estabelecem íntimas ligações que vão reger a conduta, o comportamento, tendo como transformação, a priori, o ato de se autoconhecer.

A partir daí, o processo de imanência se efetiva no plano individual, no trato do indivíduo com o sagrado, rumando ao outro e ao todo em uma sucessão de ações que vão incorporar as relações sócioambientais e o entorno, em um constante movimento sistemático de re-ligação. Assim, é que posso perceber as particularidades das amazonas oníricas de Themiscyra e, definitivamente, ouvir suas vozes. *“Tudo é um eco no universo. Se os pássaros*

¹¹ A casa é um instrumento de topoanálise. É um instrumento eficaz porque é de uso difícil [...] Tal objeto geométrico deveria resistir às metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como espaço que deve condensar e defender a intimidade. Mas o complexo realidade e sonho nunca está definitivamente resolvido. A casa, mesmo quando começa a viver humanamente não perde toda sua ‘objetividade’. É preciso que examinemos como se apresentam, na geometria do sonho, a casa onírica. BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.51.

são, na opinião de certos lingüistas sonhadores, os primeiros fonadores que inspiraram os homens, eles próprios imitavam as vozes da natureza”. (BACHELARD,1997:29).

Essas vozes nos dizem que Themiscyra era a capital do reino das Amazonas, margeada pelo rio Thermodon. Fica situada sobre a entrada do Mundo Subterrâneo, o Reino do Deus Hades, a um passo da liberdade, que pode ser a morte para alguns, o devaneio para outros, mas afinal o que ela é? e onde ela está? que ainda não há alcançamos.

Nietzsche e a Ascese: nas trilhas do Eldorado¹²

Na perspectiva de que a religião, a arte, a filosofia e a ciência têm em comum a metafísica, isso nos vem por meio de suas ligações com a verdade. A arte, no caso, como aquela que imita a “realidade” e, neste caso, visto mais por um viés aristotélico, também tem como referencial a verdade. A condição da verdade dá-se, pois, em todas as instâncias citadas, uma vez que é por esse ideal que todas elas possuem a metafísica como algo em comum. O ideal ascético assume, assim, a metafísica do religioso, a metafísica do artista, a metafísica do filósofo e a metafísica do cientista.

Todavia, a relação com o corpo muda em cada instância. Um religioso, por exemplo, pode se autoflagelar para conseguir a “purificação” e ficar mais próximo da “verdade”. Um artista já põe a sua “alma” na sua arte, porém não precisa chegar ao autoflagelo. O artista até pode ter a realidade corpo como um protótipo, pode ter a “intuição” como um a priori, ainda que não seja um imitador, mas um criador.

Já um filósofo disciplina o corpo e a mente para o caminho da reflexão e da ação mais “apropriada” ao homem que raciocina, porém isto não é um indicador de que seu corpo precisa ser flagelado ou, em outras palavras, que ele precise se libertar do “cárcere da alma”.

¹² O Eldorado é uma antiga lenda narrada pelos índios aos espanhóis na época da colonização das Américas. Falava de uma cidade cujas construções seriam todas feitas de ouro maciço e cujos tesouros existiriam em quantidades inimagináveis. Acreditou-se que o Eldorado fosse em várias regiões do Novo Mundo: uns diziam estar onde atualmente é o Deserto de Sonora no México. Outros acreditavam ser na região das nascentes do Rio Amazonas, ou ainda em algum ponto da América Central ou do Planalto das Guianas, região entre a Venezuela, a Guiana e o Brasil (no atual estado de Roraima). O fato é que essas são algumas — entre as várias — suposições da possível localização do Eldorado, alimentadas durante a colonização do continente americano. Apesar da lenda, muito ouro e prata foram descobertos nas Américas, em territórios como o Alto Peru, Sudeste do Brasil (Minas Gerais) e nas regiões onde viviam as civilizações Astecas, Incas e Maias. MAAR. Op. cit. p 222.

Contudo ele está, desde o início da História da Filosofia, preocupado com a “verdade”, com o “ser”.

No caso de um cientista, cabe-lhe muito menos a questão do cuidar mal do corpo, uma vez que a ciência tem em vista, inclusive, o “progresso”, o que dá a subentender a busca da diminuição do sofrimento do corpo, o que, por sua vez, pode diminuir o sofrimento da “alma”. Mas, assim como o filósofo, da verdade nenhum deles escapa. São todos os tipos do ideal ascético, em busca do transcendente, do à priori, da “verdade”. E onde está a liberdade no ascetismo?

São tipos ascéticos mesmo os que atuam na imanência, porque não deixam de lado a ontologia, de forma que tem em foco a questão da “verdade do ser”. É importante frisar que tais tipos têm, também, a crença na razão como ponto de unificação entre eles. Ainda no tipo religioso, a razão também atua, mesmo sendo denominada de “espírito” ou, “melhor”: que a “razão” está presente no “espírito” que raciocina, sendo o espírito um “corpo” sem corpo. “Puro espírito”.

Nietzsche nos traz a liberdade através do Zaratustra, no sentido de marcar a passagem do camelo, do leão e da criança como seres que atuam na vida e para vida, e isso pode ser equiparado ao ideal da liberdade.

[...] o herói da liberdade é o leão. Digamos que o camelo é uma mescla de moral cristã, má consciência e espírito ascético: um animal gregário que diz sim a tudo o que lhe impõe e que encontra sua felicidade em cumprir seu dever. O leão, por sua parte, é o espírito crítico, rebelde e negativo. O espírito se transforma em leão porque ‘pretende conquistar a liberdade’ opondo seu ‘Eu quero’ ao ‘Tu deves’, inscrito em cada uma das escamas do dragão-amor, contra o qual ele luta. (LARROSA, 2000:109).

Qual é, por assim dizer, a função da ascese no ideal ascético? Temos a liberdade, ou entramos em liberdade? Estabelecer a prioridade do além sobre o aqui e agora, do além ou como sobrenatural, ou ainda um além que está para lá do corpo, um “além” razão. Parece também, ainda que com o êxtase do artista, o corpo sempre é aquele que deve ser submetido. No ideal ascético, ele é submetido a um além-mundo, a um além-corpo.

Mesmo no Oriente, em vista de um trabalho “holístico”, que integra corpo e alma, tudo caminha para aquele tipo de meditação em que o corpo é percebido pela razão em variados graus dessa mesma razão, o que demonstra que ainda nisto existe a preponderância do espírito sobre o corpo. Nessa medida, em termos de espiritualidade, não há, neste caso, diferenças entre o Ocidente e o Oriente. A não ser no caso de niilismo absoluto, mas aí o

desprezo também é absoluto, o que não melhora em nada o tratamento da questão do “ser”. Pelo contrário, o “nirvana” o faz piorar, se a palavra for levada às suas últimas conseqüências como (*nir* = não e *vana* = sopro). No nirvana, o sopro da vida se esvai. É o niilismo total.

O que parece é que, até agora, não há uma clareza a respeito de que tipo de relação o sujeito tem que ter com seus instintos. A castração, ao que tudo indica, tem sido o único modo de lidar com eles. Ascese como castração é uma prática bastante comum ainda na atualidade, o que nos remete ao questionamento do que vem a ser “contemporaneidade”.

Na congregação do passado e do futuro no instante, isto é, só do instante como o que existe, o sujeito ainda está para aprender o que deve significar ascese. Entretanto, este ser do ideal ascético não eternizou esta vida, ele eternizou a vida no além, eternizou, em outras instâncias de seu conhecimento, a razão como consciência e como superior ao corpo que “não pensa”. O tipo do ideal ascético perpetuou a negação desta vida tendo em vista congelar o “ser”. Em alguns casos, optou pelo “não-ser”.

O ideal ascético, ainda que muitas vezes flerte com o vir-a-ser, não está disposto a uma aproximação maior com o devir, sobretudo o do devaneio. O que temos é um não à vida como “nada”. Para longe de tudo que escapa ao “eu”, os metafísicos firmaram sua noção de vida. De algum modo, o antropocentrismo ininterruptamente esteve presente. No *Renascimento*, por exemplo, o homem não se desprende do seu “eu”, mesmo aí, quando entendeu *virtú* para além de virtude, para além de uma “moral”, tendo a ocasião de desconstruir o Cristianismo, não o fez, como afirma Nietzsche. “*A virtude moral dominou. Alguém colocaria “algo” no lugar da “Onipotência”?*”

Quando Nietzsche coloca que precisamos permitir que mais afetos falem sobre uma coisa, creio que podemos entender que ele está falando de sentirmos mais integralmente esta coisa, da qual virá o nosso “conhecimento”. E o que isso tem a ver com a ascese da afirmação? Ora, um asceta dionisíaco é também um asceta perspectivista, uma vez que a ele interessa *conhecer* as coisas não de outra forma que esta. Assim sendo, conhecer significaria sentir, ser afetado, sonhar. Com isso, o conhecimento/devaneio passa a ser de afeto, uma vez que a própria razão não é outra coisa, neste caso, que relações de afetos.

Em Zarathustra ainda, percebemos o expoente da criança que nos ajuda a refletir sobre o ser ascético.

“A criança abre um devir que não é senão um espaço de uma liberdade sem garantias, de uma liberdade que não se sustenta mais sobre nada, de uma liberdade trágica, de uma liberdade que não pertence à história, mas que inaugura um novo começo, de uma liberdade liberada. Sob o signo da criança, a liberdade não é outra coisa senão abertura de um porvir que não

está determinado nem por nosso saber, nem por nossa vontade, nem por nosso poder, que não depende de nós mesmos, que não está determinado pelo que somos, mas que se indetermina no que vimos a ser”. (LARROSA, 2000:117).

Conhecer é apreender a si mesmo e a coisa em uma rede de relações. A partir disso, conhecimento é poder, na medida em que nos deixamos ser afetados, mas que também afetamos, ou: “*enfiamos sentido nas coisas*”. Para isso, é imprescindível que estejamos mais próximos delas, vendo-as de múltiplos pontos de vista.

Isso já denota que, para um asceta dionisíaco que busca o Eldorado, conhecer não significa, em hipótese alguma, ser algo de alguém sem disciplina, pelo menos de um conhecer mais profundo, mais sentido, mais vivenciado/sonhado. A ascese da afirmação é, sem dúvida, um disciplinamento do espírito, uma hierarquia conquistada pela espiritualização dos instintos e justamente por este caminho é que se dá o afetar e o deixar-se ser afetado.

O reino da bondade começa onde a nossa imperfeita percepção deixa de notar o «impulso do mal» porque se tornou demasiado sutil; a partir desse ponto, o sentimento de que entramos no reino da bondade excita os nossos impulsos que se sentem ameaçados e limitados pelos «impulsos do mal»: os sentimentos de segurança, de conforto, de benevolência. Quanto mais imperfeita for a nossa percepção, maior será a extensão do bem. É por isso que as crianças e pessoas comuns gozam de uma eterna boa disposição e também por essa razão que os grandes pensadores sofrem sempre de uma melancolia semelhante à de uma má consciência.(NIETZSCHE,2001:53).

No domínio de si, na espiritualização dos instintos, Nietzsche concebe seu corpo como laboratório, faz experimentos com o seu pensar. Eis, pois, a retomada de ascese como exercício em um corpo inteiro que pensa, já que pensar não é mais que a atuação de afetos respondendo a afetos.

A liberdade está no Eldorado, ainda não a encontrei, mas já a conheço, ela está livre de toda e qualquer amarra e, também não está no coração amazônico. Mas agora sei onde encontra – lá, está mais perto do que imagino: no devaneio. A Imanência já tinha me alertado que era preciso buscar no sensível a chave para a transformação em onírico e a passagem para Eldorado, seria o ponto no mapa para achar este tesouro. O afeto é a grande jóia que irá decifrar os códigos que me levam a liberdade como vontade de representação e, a ascese fez com que agora eu possa definitivamente encontrá-la e compreendê-la.

Dessa forma, o afeto afeta e também é afetado por outro afeto. Daí, a importância das relações entre os alentos na concepção de uma ascese dionisíaca, que está posta na vida como

deveniente, que possibilita o “ser”, mas o ser que nasce sobre as correntezas de um rio e que é capaz de elaborar “conceitos”, “conhecimento”, “devaneios” e que se entende como ser em devir (para além do bem e do mal¹³), uma vez que entende que mais que “natureza humana” ele é natureza. E que o mundo não é outra coisa que *vontade de poder*.

Considerações Finais: Aportando na Terra do Nunca¹⁴

O mundo como vontade e representação é a concepção filosófica de que o mundo só é dado à percepção como representação: o mundo, pois, é puro fenômeno ou representação.

O núcleo e a essência do mundo não estão nele, no entanto naquilo que condiciona o seu aspecto exterior, na "coisa em si" do mundo, a qual Schopenhauer designa "vontade" (o mundo por um lado é representação e por outro é vontade). O mundo como representação é a "objetividade" da vontade (vontade feita objeto - submetida ao princípio formal do conhecimento, o princípio de razão). Essa objetividade se faz em diferentes graus, passando pelas forças básicas da natureza, pelo mundo orgânico, pelas formas de vida primitivas e avançadas, até chegar ao estado de objetividade mais elevado por nós conhecido, o ser humano.

Entre o objeto e a vontade há um intermediário, o qual Schopenhauer identifica com a "idéia platônica". A idéia é a "objetivação adequada da vontade" em determinado grau de objetivação. Esses graus crescem em complexidade, cada um objetivando a vontade de forma mais completa e detalhada. Mas a totalidade do mundo como representação, a qual é o "espelho da vontade" só existe na manifestação concomitante e recíproca das diferentes idéias, as quais disputam à disciplina escassa para manifestarem suas respectivas peculiaridades.

As formas superiores assimilam as inferiores e as reprimem ("assimilação por dominação"), até que elas próprias são vencidas pela resistência das inferiores e sucumbem:

¹³ Além do Bem e do Mal nasceu de reflexões e anotações de Nietzsche, durante a composição de Assim Falou Zaratustra, e inicia uma nova fase literário-filosófica do autor, a sua fase de negação e destruição. Ele é em um tom mais crítico e denso, contrastando com os seus livros anteriores, como "Humano, Demasiado Humano", "Aurora" e "A Gaia Ciência", os quais foram escritos em um tom de leveza e serenidade. Nietzsche considerava este livro, juntamente com "Assim Falava Zaratustra", o seu livro principal, abarcando uma maior multiplicidade de assuntos e reflexões. Assim definiu Nietzsche este livro a seu amigo Jacob Burckhardt: "Peço-lhe que leia este livro (se bem que ele diga as mesmas coisas que o meu Zaratustra, mas de uma forma diferente, muito diferente)...". NIETZSCHE. F. W. 1998. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2ª edição e 2ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras. 228p.

¹⁴ A Terra do Nunca é uma ilha fictícia do livro Peter Pan, do escritor escocês J. M. Barrie. Nela as crianças não envelhecem. Entretanto, isso é visto como uma metáfora para eterna infância, imortalidade e escapismo. MAAR. Op. cit. p 367.

eis a morte, devolvendo a elas a matéria delas retirada e permitindo-lhes promulgarem as suas características a seu próprio serviço: eis o ciclo da natureza.

Entre todas as idéias, e, portanto entre todas as formas de vida e forças naturais, mantém-se "*guerra eterna*". Devido a essa eterna luta, os objetos nunca conseguem expressar suas respectivas imagens de forma perfeita, eles apresentam-se sempre com certo "*turvamento*" (é por isso que somente as idéias são objetividades adequadas da vontade).

Segundo Platão, os sentidos físicos não nos revelam a verdadeira natureza das coisas. Por exemplo, ao observarmos algo branco ou belo, jamais chegaremos a ver a brancura ou a beleza plena, embora tragamos, dentro de nós, uma *idéia* do que elas são. Do mesmo modo, as únicas coisas de fato inabaláveis e verdadeiras seriam as idéias.

O mundo físico, por sua vez, não passaria de uma imitação imperfeita e mutável delas. Observar o mundo físico (tal como a ciência faz hoje em dia) pouco serviria, portanto, para alcançarmos uma compreensão da realidade, não obstante servisse para reconhecermos, ou rememorarmos, as idéias perfeitas que traríamos dentro de nós.

Nietzsche traz "*O Eterno Retorno*" que também diz respeito aos ciclos repetitivos da vida, o qual estamos sempre presos a um número limitado de fatos. Fatos estes que se repetiram no passado, ocorrem no presente, e se repetirão no futuro, como por exemplo, guerras, epidemias, etc.

O que é indispensável notar é que esta teoria, que parece insensata e totalmente inverossímil a muitos, não é uma forma de percepção do tempo: o Eterno Retorno não é um ciclo temporal que se repete indefinidamente ao longo da eternidade.

Mas, então, o que quer dizer este tal *Eterno Retorno*? - Ele fala da ordem das coisas. Ele nos mostra como o Mundo não é feito de pólos antagônicos e inconciliáveis, mas de faces complementares de uma mesma - múltipla, mas única - realidade.

Logo, bem e mal, angústia e prazer, são instâncias complementares da realidade - instâncias que se alternam eternamente. Bem como a realidade não tem objetivo, ou intenção (pois se tivesse já a teria alcançado), a alternância nunca conclui. Assim, assistimos sempre os mesmos episódios retornarem indefinidamente.

Outras observações importantes a respeito do *Eterno Retorno* são suas relações com o *Amor fati* e a *vontade de potência*. *Detenhamo-nos ligeiramente no Amor fati -- Amor ao destino, à terra do nunca se apresenta.*

A pergunta que o conceito do *Eterno Retorno* nos faz é: amamos ou não amamos a vida? Se tudo retorna - o prazer, a dor, a angústia, a guerra, a paz, a grandeza - se tudo torna,

isto é, um dom sublime ou um anátema? Amamos a existência a tal ponto de a querermos, mesmo que tivéssemos que vivê-la intermináveis vezes sem fim? Sofrendo e gozando da mesma forma e com a mesma veemência? Seríamos capazes de amarmos a vida que temos - a única vida que temos - a ponto de querermos vivê-la tal e qual ela é, sem a menor alteração, infinitas vezes ao longo da eternidade? Temos tal amor ao nosso destino? - Eis a grande investigação que é o *Eterno Retorno*.

Ele é, destarte, a maior indagação da filosofia: aquele que quer respondê-la deve posicionar-se *além de bem e mal* - enxergar a vida como o todo único e múltiplo que ela é: e amá-la.

Por conseguinte, Bachelard diz que tudo isso é livre-arbítrio/liberdade, uma vez que está no interior dos sonhos, é a motivação, o combustível do devaneio. É de configuração sintomática de que vivemos a liberdade, a Terra do Nunca está nos nossos sonhos, onde temos a liberdade como concubina e aliada para habitar esse estado de devaneio.

E, genuinamente esse percurso antropológico a procura da liberdade como instância onírica, somente vem a referendar nossa vontade de representação daquilo que está no plano do sensível e que acessamos através de um processo imanente de ascetismo sonhador no eterno desejo de nos tornarmos livres. Em qualquer dimensão, seja no simbolismo filosófico, ou no âmago de nossas pretensões mais sonhadas que se abrigam entre o *mar do devaneio* e a *montanha da liberdade*.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. 1972. Conhecimento comum e conhecimento científico. In: Tempo Brasileiro São Paulo, nº. 28, p. 47-56, jan-mar

_____. 1998. *A poética do espaço*. SP: Martins Fontes. 266p.

_____. 1997. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. SP: Martins Fontes. 405p.

GOMBRICH, E.H. 1986. *Arte e ilusão*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes. 305p.

HAUSER, A. 1998. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes. 525p.

JAPIASSÚ, H. 1976. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 225p.

MAAR, Z. L. 2006. *Territórios do Imaginário: Cidades flutuantes em nossa órbita*. São Paulo: Cia. das Letras. 545p.

MAGEE, B. 2002. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola. 339p.

MARQUES, A. 1993, *Perspectivismo e modernidade*, Lisboa, Vega. 326p.

NIETZSCHE, F.W. 2001. *A Gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras. 247p.

_____. 1998. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2ª edição e 2ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras. 228p.

PLATÃO. 1996. *A República*. 8. Ed. Trad., introd. e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 255p.

SCHOPENHAUER. 2005. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: EDUNESP. 331p.

TARNAS, R. 2003. *A epopéia ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 541p.